



ARTIGO DOSSIÊ

NARRATIVAS DO INSÓLITO, DISTOPIA E UTOPIA

O Pampa no fim do mundo: poéticas negativas do Sul distópico em “Bugônia”, de Daniel Galera, e *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso

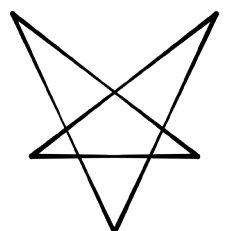
The Pampa at the end of the world: negative poetics of the dystopian south in “Bugônia”, by Daniel Galera, and *A extinção das abelhas*, by Natalia Borges Polesso

El Pampa en el fin del mundo: poéticas negativas del Sur distópico en “Bugônia”, de Daniel Galera, y *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso

LUIZ FELIPE VOSS SPINELLI

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com estágio pós-doutoral no PPGL-UFPel. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado no PPGL-FURG.

E-mail: luizyoung@yahoo.com.br.





Resumo

Neste artigo, analiso as narrativas "*Bugônia*" (2021), de Daniel Galera, e *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polezzo, como distopias pós-apocalípticas da literatura contemporânea do Rio Grande do Sul. A partir de uma perspectiva do Sul Global, investigo como essas obras constroem um imaginário distópico ancorado no espaço do Pampa, entendido tanto como bioma quanto como território simbólico, no qual o colapso ambiental e social aparece como continuidade de processos históricos já vividos. Em diálogo com a noção de distopia crítica, com a ecocrítica e com reflexões de autoras como Donna Haraway e Anna Tsing, argumento que essas narrativas deslocam o foco do fim do mundo para experiências localizadas de sobrevivência e reinvenção da vida. Destaco, ainda, a centralidade de anti-heroínas que articulam modos de coexistência baseados no cuidado, na interdependência e nas alianças multiespécies, figurando o Sul pós-apocalíptico como espaço de ruína e, simultaneamente, de imaginação de futuros possíveis.

Palavras-chave: Distopia; Literatura Contemporânea do Rio Grande do Sul; Sul Global; Antropoceno; Anti-heroínas.

Considerações iniciais

A literatura distópica contemporânea tem se consolidado como um dos principais espaços de elaboração simbólica das crises ecológicas, políticas e sociais que atravessam o século XXI. Em especial no Sul Global, as narrativas de fim do mundo combinam a projeção de futuros em colapso com uma leitura crítica de processos históricos em curso, como a devastação ambiental, a intensificação das desigualdades e a crise dos modelos hegemônicos de desenvolvimento. Nesse contexto, a distopia opera menos como um exercício de especulação abstrata e mais como uma estética da urgência, na qual o colapso é figurado como experiência cotidiana e territorializada.

É a partir desse horizonte que o presente artigo propõe uma análise de duas narrativas distópicas pós-apocalípticas ambientadas no extremo sul do Brasil: o romance *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polezzo, e a novela "*Bugônia*", de Daniel Galera, publicada em *O deus das avencas* (2021). Parto do pressuposto de que essas obras constroem um "Sul distópico" que articula o imaginário regional do Pampa às ansiedades ecológicas e políticas do presente, projetando futuros em que o colapso ambiental redefine as relações entre humanos, território e formas de vida não humanas. Nessas narrativas, elementos da fauna e da flora locais deixam de atuar como cenário de fundo e passam ao papel de agentes narrativos, estruturando modos alternativos de existência, memória e pertencimento em um mundo pós-catástrofe.

A hipótese central que orienta este trabalho é que essas distopias da literatura contemporânea do Rio Grande do Sul formulam uma crítica aos discursos hegemônicos de progresso, empreendedorismo e desenvolvimento que historicamente moldaram a ocupação econômica e simbólica do sul do Brasil. Ao inscrever o apocalipse no espaço do Pampa, marcado pelo agronegócio, monocultura e extrativismo, as obras analisadas expõem o caráter violento e insustentável desses projetos, ao mesmo tempo em que ensaiam formas de imaginação política e ecológica que desafiam tais paradigmas.

Este artigo ainda dialoga com um percurso de pesquisas anteriores sobre a narrativa distópica contemporânea, particularmente aquelas desenvolvidas na tese que deu origem ao livro *A jornada do anti-herói no romance distópico contemporâneo ou o Prometeu pós-moderno* (2024), no qual proponho uma tipologia das distopias organizada em três eixos: as narrativas de sociedades de controle, as distopias centradas na crise do corpo e as ficções marcadas pela angústia pós-apocalíptica. A partir dessa divisão, surgem três figuras recorrentes de anti-heróis: o rebelde,



o sujeito em crise identitária e o profeta fracassado do pós-apocalipse. É sobretudo essa última categoria que interessa aqui, na medida em que ela expressa a tensão entre o fim de um mundo e a possibilidade – sempre precária – de sua reinvenção.

Em tradições canônicas da distopia anglófona, como *Oryx and Crake* (2003), de Margaret Atwood, e *A estrada* (2006), de Cormac McCarthy, essa figura do sobrevivente pós-apocalíptico costuma ser associada a personagens masculinos que atravessam a ruína carregando o peso moral e existencial do colapso. No entanto, ao deslocarmos o olhar para produções do Sul Global, observa-se uma inflexão significativa nesse arquétipo. Em diversas narrativas latino-americanas contemporâneas, o anti-herói pós-apocalíptico é frequentemente substituído por figuras femininas que articulam saberes ecológicos, afetivos e espirituais como formas de resistência e reconstrução, como se observa, por exemplo, em *"Bugônia"*, de Galera, e em *Las indignas* (2023), de Agustina Bazterrica – obras anteriormente analisadas em diálogo no artigo "Anti-heroínas profetisas das distopias pós-apocalípticas do sul global" (2025).

Em *"Bugônia"*, essa anti-heroína é encarnada por Chama, uma encantadora de abelhas que mantém uma relação ritualística, intuitiva e simbiótica com os insetos, configurando um modo de existência em que o humano se reinscreve em redes mais amplas de vida após a catástrofe. Já em *A extinção das abelhas*, Polesso constrói uma narradora-protagonista que atravessa um mundo devastado pela escassez, pela vigilância e pela perda de liberdades, buscando preservar vínculos afetivos e formas mínimas de comunidade em meio à ruína ambiental. Em ambos os casos, trata-se de anti-heroínas que sobrevivem ao colapso não pela dominação do mundo, mas pela invenção de modos de coexistência – gesto que pode ser lido à luz do ecofeminismo e do pensamento de Donna Haraway, especialmente sua proposta de "fazer parentes"¹ (2023) em meio às ruínas.

Ao aproximar essas duas obras, este trabalho busca compreender como a literatura contemporânea do Rio Grande do Sul inscreve o espaço do Pampa, entendido aqui tanto como paisagem material quanto como imaginário cultural, no horizonte da distopia. Nessas narrativas, o território sulista abriga o colapso e participa ativamente dele, funcionando como uma entidade viva que condiciona práticas sociais, afetivas e políticas. Assim, apoiando-se no conceito de "distopia crítica" formulado por Moylan e Baccolini em *Utopia method vision: the use value of social dreaming* (2007), bem como em contribuições da ecocrítica e do feminismo especulativo, o presente texto investiga como essas ficções produzem um "Sul distópico" que, ao mesmo tempo que representa o fim de um mundo, ensaia novas formas de imaginar a continuidade da vida em meio à devastação.

Narrar o fim a partir do Sul: referencial teórico para uma leitura da distopia no Sul Global

Antes de avançar na análise das obras, considero necessário delimitar alguns conceitos que orientam esta leitura, especialmente no que diz respeito à noção de distopia quando pensada a partir do contexto do Sul Global. Como aponto em *A jornada do anti-herói no romance distópico contemporâneo ou o Prometeu pós-moderno* (2024):

"é evidente a necessidade de atualização do conceito de distopia, para que considere o impacto do capitalismo na ação humana sobre o planeta.

1. Conceito desenvolvido por Donna Haraway em *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2023), que designa a construção de relações que ultrapassam os vínculos biológicos e humanos. Em meio às ruínas do presente, fazer parentes implica criar alianças multiespécies e modos de coexistência que desafiam o individualismo, o antropocentrismo e as lógicas capitalistas de exploração.



Enchentes, secas, deslizamentos, ondas de calor etc. não são tragédias que acontecem por coincidência, são o resultado da ação humana sob o capitalismo” (Spinelli, 2024, p. 12).

Nesse sentido, entendo essas distopias como formas narrativas situadas e atravessadas por experiências históricas, políticas e ambientais específicas, que tensionam definições consagradas do gênero.

O termo Sul Global é aqui mobilizado para além de uma designação estritamente geográfica, como um conceito epistemológico, nos termos propostos por Boaventura de Sousa Santos. Em *O fim do império cognitivo* (2019), o autor define o Sul Global como um conjunto de “suis epistemológicos” formados por saberes produzidos nas lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (Santos, 2019, p. 17). Trata-se, portanto, de um espaço de enunciação que desafia a hegemonia do pensamento produzido no Norte Global e propõe uma ecologia de saberes capaz de reconhecer outras formas de conhecimento, de experiência e de narração do mundo. Ao adotar essa perspectiva, este artigo parte do pressuposto de que as distopias produzidas no Sul Global operam segundo lógicas distintas daquelas consolidadas pelo cânone euro-americano do gênero.

De modo geral, as narrativas distópicas projetam futuros ou realidades alternativas marcadas por desigualdade, autoritarismo e colapso ambiental, funcionando como espelhos críticos do presente. Ao amplificarem as tensões de seu tempo, essas ficções expõem as falhas estruturais da sociedade e exercem uma função de denúncia. No entanto, quando observadas a partir do Sul Global, essas lógicas se complexificam. Para populações historicamente marginalizadas, como povos indígenas, comunidades quilombolas e grupos periféricos, a distopia não se apresenta como hipótese futura, mas como experiência histórica já vivida ou ainda em curso. O próprio processo de colonização das Américas pode ser lido como uma experiência histórica distópica vivida pelos povos originários. Para além disso, a devastação ambiental, o racismo estrutural e a precarização sistemática da vida no Sul Global configuram, há muito, realidades distópicas. Nesse sentido, a distopia deixa de operar apenas como advertência e passa a funcionar como registro da catástrofe e como espaço de imaginação de estratégias de sobrevivência nas ruínas.

É nesse contexto que as distopias pós-apocalípticas ocupam um lugar singular no interior da ficção especulativa. Essas obras partem de mundos que já colapsaram, aproximando-se do que Moylan e Baccolini (2007) conceituam como distopia crítica. Trata-se de narrativas que, mesmo inscritas em cenários de devastação, mantêm aberturas para a resistência, para a reinvenção de vínculos e para a possibilidade de futuros outros. Seus finais permanecem abertos, sustentando a imaginação de transformações possíveis mesmo após o fim.

Essa perspectiva se afasta da abordagem proposta por Gregory Claeys (2016) em *Dystopia: a natural history*, na qual a distopia e a ficção pós-apocalíptica são tratadas como categorias distintas e sucessivas, como se o colapso marcasse o encerramento da distopia e o início de um novo ciclo narrativo. Tal separação revela um viés eurocêntrico que pressupõe o apocalipse como ruptura radical. Quando observadas a partir do Sul Global, porém, as narrativas pós-apocalípticas evidenciam que o colapso não constitui um ponto de virada, mas a continuidade de um processo histórico de destruição ambiental, social e simbólica. O que aparece como “recomeço” em leituras hegemônicas revela-se, aqui, como permanência da catástrofe. Por essa razão, defendo a inclusão das ficções pós-apocalípticas no escopo das distopias, sobretudo quando escritas a partir de contextos marcados por heranças coloniais e por regimes persistentes de exploração.



É a partir dessa chave que leio *"Bugônia"*, de Daniel Galera, e *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, como distopias críticas e pós-apocalípticas do Sul Global. Ambas as narrativas elaboram o colapso ecológico e civilizacional a partir de uma perspectiva situada, geográfica e afetivamente ancorada no extremo sul do Brasil. Nelas, a destruição do mundo não se apresenta como espetáculo grandioso ou projeção distante; ao contrário, revela-se como experiência íntima, vivida no corpo, no território e na memória, com cicatrizes que atravessam a história da colonização, a relação do estado com o projeto nacional e os efeitos cada vez mais visíveis dos eventos climáticos extremos. É nesse deslocamento do apocalipse do plano espetacular para o plano cotidiano que se pode perceber a especificidade dessas distopias do sul, a qual, como procuro demonstrar ao longo deste artigo, reside na forma como as narrativas territorializam o colapso e o inscrevem na experiência cotidiana e histórica, por meio da escassez de alimentos, da precarização dos vínculos e da reorganização das práticas de cuidado.

Essa leitura se articula ao debate contemporâneo sobre o Antropoceno, termo proposto para designar uma nova era geológica marcada pela ação humana como força transformadora do planeta – momento em que os impactos da industrialização, do crescimento populacional, do uso intensivo de combustíveis fósseis e da disseminação de resíduos, inclusive radioativos, passam a deixar marcas detectáveis no registro geológico (Penteado; Torres, 2021, ps. 11 e 12). A partir da ecocrítica, essas transformações são compreendidas tanto em sua dimensão material quanto simbólica, revelando modos de narrar o colapso que deslocam o humano do centro absoluto da experiência. Em *"Bugônia"* e *A extinção das abelhas*, o Pampa é mais do que o cenário da ação humana, configurando-se como um espaço tensionado pela degradação ambiental e pela falência dos modelos de desenvolvimento. Em diálogo com reflexões de autoras como Anna Tsing (2015) e Donna Haraway (2022), essas narrativas figuram alianças entre espécies e modos de coexistência baseados na interdependência, sugerindo que a sobrevivência no pós-apocalipse depende da recomposição de vínculos entre humano e não humano.

Assim, ao reimaginar o Pampa e o espaço gaúcho como paisagens pós-apocalípticas, Galera e Polesso transformam o território em personagem: um agente que reage à ação humana e que impõe outras formas de habitar, de cuidar e de imaginar o futuro. O que está em jogo, portanto, é mais do que a representação do colapso, é uma tentativa de figurar novas alianças entre humano e natureza, em um gesto simultaneamente político e poético que reposiciona a literatura do sul no debate contemporâneo sobre o Antropoceno e as possibilidades de continuidade da vida.

Anti-heroínas do fim do mundo: o Pampa distópico em *"Bugônia"* e *A extinção das abelhas*

As distopias produzidas no Sul Global reelaboram profundamente o modo como se imagina o fim do mundo. Distantes das paisagens urbanas hipertecnológicas ou das metrópoles futuristas em colapso que marcam grande parte da tradição distópica do Norte, essas narrativas deslocam o olhar para espaços periféricos, rurais ou marginalizados, territórios nos quais o desastre deixa de ser uma projeção futura e passa a integrar a experiência cotidiana. O colapso, nesses textos, não irrompe como ruptura absoluta, mas se articula a processos históricos já em curso, inscritos no espaço e na vida social.

No contexto da literatura contemporânea do Rio Grande do Sul, esse deslocamento espacial adquire uma densidade específica. Em *"Bugônia"*, o pampa, entendido aqui tanto como bioma quanto como território simbólico capaz de condensar o imaginário do sul, surge em processo de reorganização após o colapso. As abelhas, que se alimentam de corpos humanos em decomposi-



ção, participam de um ecossistema no qual a natureza reassume a condução da vida. Trata-se de um cenário devastado, mas atravessado por uma potência vital que desloca o humano do centro e reinscreve a existência em uma lógica de interdependência.

Em *A extinção das abelhas*, por sua vez, o colapso assume outra configuração. O espaço distópico se aproxima de um sul urbano e reconhecível, marcado pela escassez, vigilância e erosão progressiva da vida cotidiana. Nesse caso, a ruína não decorre de um ambiente que se rebela, mas das próprias estruturas sociais e políticas que organizam o presente. O sul aparece como território de confinamento e perda de liberdade, onde o controle substitui a promessa de futuro.

A partir dessas duas narrativas, o pampa distópico não é apenas o campo, nem apenas a cidade: é um território simbiótico, que se configura como um espaço em tensão, atravessado por relações instáveis entre humano e mundo natural, em paisagens nas quais colapso e regeneração coexistem. Essa configuração dialoga com a própria formação simbólica do Rio Grande do Sul, estado historicamente marcado por divisões e antagonismos: farroupilhas e imperiais, chimangos e maragatos, colorados e gremistas, conservadores e progressistas. A identidade sulista se constrói a partir do embate, sustentada por oposições persistentes entre campo e cidade, tradição e modernidade etc.

O mito da fronteira, central para o imaginário do pampa como espaço de bravura e conquista, revela também uma história de conflitos, exclusões e violências. É nesse terreno instável que as distopias contemporâneas se enraízam em um território acostumado a viver entre ruínas e reconstruções. As ficções de Galera e Polesso, nesse sentido, demonstram como o sul funciona como metáfora de um país fragmentado, onde a promessa de progresso convive com o colapso social e ambiental. O embate que estrutura a identidade regional aparece, assim, como sintoma da própria distopia e, ao mesmo tempo, como espaço de resistência e reinvenção de formas de vida possíveis.

É nesse horizonte que se insere *"Bugônia"* (2021), de Daniel Galera, novela que imagina um sul pós-apocalíptico no qual entram em crise tanto o ecossistema quanto a própria noção de humanidade. O pampa que emerge nesse texto não guarda relação com o cenário estabilizado da tradição regionalista, é uma paisagem febril, instável, *meio Mad Max*, que apodrece e insiste em existir.

Em *"Bugônia"*, esse espaço participa ativamente da constituição da anti-heroína Chama. O que resta do mundo anterior se reorganiza em torno do Organismo, comunidade que sobrevive em meio a ruínas ecológicas e biológicas. A continuidade da vida depende de um pacto frágil com as abelhas, produtoras de um necromel capaz de conter uma peste sanguínea. Essa aliança precária sustenta a sobrevivência, ao mesmo tempo em que expõe a instabilidade das fronteiras entre humano e não humano.

Galera constrói esse espaço como um personagem importante da narrativa, um corpo em transformação contínua, com ecologia marcada pela ruína e adaptação. A natureza não opera como pano de fundo e passa a atuar como matéria viva, capaz de impor limites e produzir relações. Em "Algumas abelhas pousam em seu rosto e mãos, curiosas ou meramente entretidas com essa aliada que as visita quase todas as manhãs" (Galera, 2021, p. 173), a cena evidencia uma convivência fundada na negociação constante, distante de qualquer lógica de domínio. Como ensina a Velha, a aliança "é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança" (Galera, 2021, p. 173). Nesse sentido, o espaço adquire agência. Ele age, ameaça, acolhe e organiza vínculos, convertendo o pampa em uma teia de relações. Essa dinâmica se aproxima do que Donna Haraway (2022) descreve como o



jogo das espécies companheiras, no qual a sobrevivência se sustenta na atenção, no cuidado e na resposta ética entre seres.

A natureza pós-apocalíptica de "*Bugônia*" também se ancora em um imaginário ambiental profundamente local. Mesmo após o colapso, persistem vestígios culturais do sul: o poncho de cânhamo, as pernas de couro, o chimarrão, a bebida "charrua", feita com butiã e gasolina vencida. Esses elementos reaparecem misturados ao lixo e à degradação ambiental, compondo uma estética do resto e da contaminação. O esquilo, mascote do supermercado Zaffari, sobrevive como misto de piada e símbolo de uma civilização desaparecida. A justaposição entre ruínas materiais e resíduos culturais produz uma ecologia feita de restos e alianças improvisadas, próxima do que Anna Tsing (2015) descreve como vida nas ruínas do capitalismo.

A degradação ambiental que atravessa "*Bugônia*" constitui uma chave de leitura do presente. Elementos como o "grande calor" e a escassez de energia - ecoando problemas reais com a CEEE Equatorial -, que antecedem e moldam a narrativa, ressoam experiências recentes vividas no próprio Rio Grande do Sul, marcado pela intensificação das crises climáticas, por eventos extremos recorrentes e pela fragilidade de suas infraestruturas básicas. Ao deslocar essas tensões para um horizonte pós-apocalíptico, o texto de Galera reinscreve no futuro a experiência concreta de um sul já vulnerabilizado, onde os impactos das mudanças ambientais se manifestam de forma desigual e persistente.

Nesse cenário, a sobrevivência se constrói por meio de práticas coletivas e alianças instáveis. Como ensina a Velha, "somos um e somos muitos quando necessário. E nosso modo de vida é fazer aliados" (Galera, 2021, p. 176). As relações interespecies que estruturam a vida no Organismo, envolvendo abelhas, seriemas, cobras e humanos, reorganizam o pampa como um ecossistema político, no qual a continuidade da existência depende da negociação constante entre formas de vida distintas. O futuro surge, assim, como um campo de cuidado, atenção e convivência, afastando-se das narrativas de progresso que sustentaram o mundo anterior ao colapso. Essa ética relacional aproxima "*Bugônia*" das reflexões de Donna Haraway (2022), para quem as criaturas vivas se organizam em consórcios formados por interações múltiplas e dependências recíprocas. A narrativa dramatiza essa "miscelânea barroca de inter e intra-ações" (Haraway, 2022, p. 49), figurando um mundo em que a vida persiste em meio à contaminação, às ruínas e às alianças improvisadas. O pampa emerge como um espaço atravessado por resíduos materiais e simbólicos, no qual a existência se mantém em estado de atenção permanente.

Em muitas distopias produzidas no Norte global, o espaço costuma simbolizar a perda da natureza, figurando um vazio no qual a humanidade busca algum tipo de redenção. Nas distopias do sul, o território assume outra feição: permanece contaminado, instável e, ainda assim, fértil. O pampa pós-apocalíptico de Galera exemplifica essa geopoética ao se apresentar como um corpo híbrido que abriga humanos, abelhas, animais, fungos e memórias de um mundo em decomposição, sem oferecer promessas de restauração plena. Ao inscrever o apocalipse nesse espaço periférico e material, "*Bugônia*" desloca o eixo da imaginação distópica contemporânea. A partir da perspectiva do Sul epistemológico, conforme formulada por Boaventura de Sousa Santos (2019), o pampa distópico pode ser lido como um território de saber, constituído por experiências históricas produzidas nas margens do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. A leitura da obra de Galera sob esse viés permite reconhecer que o fim do mundo narrado também delineia um espaço de experimentação ética e política, no qual se ensaiam outras formas de relação com o mundo, marcadas pela interdependência, pela precariedade compartilhada e pela recusa das narrativas hegemônicas de progresso.



Já em *A extinção das abelhas* (2021), Natalia Borges Polezzo desenvolve sua distopia ambientada em um sul urbano, marcado pela escassez, confinamento e vigilância constante. Em um cenário pós-2020, degradado ambiental e socialmente, o romance acompanha Regina, uma mulher de cerca de quarenta anos, órfã e solitária, que sobrevive entre ruínas materiais e afetivas. A narrativa constrói um espaço claustrofóbico, formado por condomínios fechados, controle permanente e paranoia difusa, no qual o colapso não se anuncia por grandes catástrofes espetaculares, mas se infiltra no cotidiano, corroendo lentamente as formas de convivência e pertencimento.

A ausência das abelhas – manifestada no título do romance – opera como um dos eixos simbólicos centrais da narrativa. Símbolo do equilíbrio ecológico e da fertilidade, seu desaparecimento reflete a esterilidade do mundo narrado e o esvaziamento das relações humanas. Enquanto o ambiente se torna cada vez mais hostil, Regina tenta preservar vínculos mínimos, com a memória da mãe desaparecida, com a gata, com pessoas que atravessam sua trajetória, como o necessário para se manter humana, em meio ao luto, ao desamparo e à sensação de fim iminente. O colapso é narrado sobretudo pelas perdas, que se acumulam como marcas de uma experiência histórica dolorida e em curso, e não como um evento excepcional projetado para o futuro.

Nesse sentido, o romance assume um forte caráter documental. O “colapsômetro”, dispositivo narrativo que registra o avanço da crise, funciona como índice da degradação ambiental e social provocada por agentes corporativos, como a empresa Agrotech, responsável pela contaminação do solo e pela intensificação das desigualdades. A própria autora reconhece essa dimensão situada da obra ao relatar que o romance foi atravessado pela notícia da morte de quase meio bilhão de abelhas no sul do país, evento que reconfigurou o projeto inicial da narrativa:

“Em meio a isso, comecei a escrever um livro com duas personagens, mãe e filha, que passavam por um Brasil conturbado, rumando para a precarização. Uma das personagens era uma acadêmica e se preparava para fazer uma conferência em um evento de sociologia,alaria da destruição da cultura. Segui escrevendo, desenvolvendo as personagens, até que fui atravessada pela seguinte notícia: quase meio bilhão de abelhas teriam aparecido mortas no sul do país. Colmeias inteiras” (Polezzo, 2026, ps. 463-464).

Não por acaso, Polezzo afirma não reconhecer o livro como distopia, preferindo situá-lo no campo do realismo especulativo, definição da qual discordo, mas que reforça a proximidade entre a ficção e a experiência concreta do presente e evidencia a fragilidade de um conceito de distopia eurocêntrico. Na obra, essa aproximação fica evidente textualmente, em trechos como:

O Rio Grande do Sul, estado que viu parte de sua população de abelhas ser dizimada no ano de 2019 por conta do uso incorreto de inseticidas, acendeu o sinal de alerta mais uma vez. A Cooperativa dos Apicultores Gaúchos relatou dois casos na Fronteira Oeste, com a perda de pelo menos quinze milhões de abelhas. A suspeita é que a morte tenha sido causada pelo inseticida Fipronil, usado nas lavouras para exterminar insetos como formigas (Polezzo, 2021, ps. 216-217).

A degradação do espaço reflete a degradação das relações e da sociedade como um todo. Em outra passagem, a narradora indica o quanto locais de convivência, cultura e integração foram sendo substituídos, demonstrando como o colapso da sociedade se desenvolve na narrativa:



É bem ali, onde antes havia um cinema e agora é uma igreja. Do lado do antigo café, que agora é uma farmácia. Fica perto do prédio tombado, que agora é uma ruína. Ali no antigo complexo cultural, onde agora é a Cracolândia. Na pracinha do lixão, sabe? Onde ficava o cachorródromo e agora fica uma gente estranha. É perto do antigo Jardim Botânico, onde fizeram uma pia batismal, que está vazia e sem uso. Próximo à biblioteca desativada, não sabe? Perto dos trilhos onde tinha uns bares. Ali onde havia uma cidade, uma cidade bem pequena, lembra? Mas não vá lá, é muito perigoso (Polesso, 2021, p. 233).

Nesse horizonte de precariedade contínua, a experiência de Regina se organiza de forma anti-heroica, menos em torno de grandes gestos de resistência e mais a partir de uma ética mínima do cuidado, marcada por escolhas afetivas restritas, seletivas e, muitas vezes, dolorosas. O colapso social e ambiental produz um esvaziamento progressivo das relações, de modo que a protagonista passa a medir seus vínculos pela possibilidade concreta de cuidar e ser cuidada no presente. O afeto, nesse contexto, torna-se um risco, já que apegar-se a quem oferece proteção pode significar perda, dependência ou exposição à violência. A sobrevivência exige, portanto, uma gestão emocional rigorosa, na qual o cuidado se direciona apenas àquelas figuras pelas quais Regina se sente responsável. Essa economia afetiva evidencia como o colapso atravessa o corpo e a subjetividade, impondo escolhas éticas difíceis e reconfigurando o próprio sentido de humanidade. É nesse registro íntimo e corporal que a narrativa torna visível a dimensão pós-apocalíptica do cotidiano, articulando cuidado, culpa, luto e sobrevivência como experiências indissociáveis:

Regina tentava organizar sua cabeça. Pensava em Eugênia e Denise, mas não sentia falta delas. Sentia culpa por não sentir saudades. Sentia muito por Aline. Não pensou nem em sua mãe nem em seu pai, esses eram finais já distantes. Tentou imaginar se Paula estava bem e teve certeza que sim. Talvez fosse isso, só conseguia sentir algo por aquelas de quem cuidava. Procurava não se apegar a quem lhe provia cuidados, era perigoso. Então se lembrou de dona Norma e sentiu uma dor forte no lado esquerdo do peito. Se lembrou da caneta de insulina, e lembrou que, em alguns dias, precisaria conseguir mais medicação. Ou fazer a dieta do médico da internet. Ou morrer aos poucos. Ou logo. (Polesso, 2021, p. 289).

Ainda assim, *A extinção das abelhas* compartilha com *"Bugônia"* a centralidade do espaço como agente narrativo e político. Se em Galera o pampa pós-apocalíptico se organiza a partir de alianças interespecíes e de uma ética coletiva da sobrevivência, em Polesso o colapso se manifesta no âmbito íntimo e doméstico, revelando como a crise ambiental desestrutura afetos, identidades e modos de vida. Em ambos os casos, o sul aparece como um território que narra a catástrofe a partir de dentro, transformando as ruínas em espaço de resistência e persistência. Ao acompanhar Regina em seu esforço de "ficar com o problema"², nos termos de Donna Haraway (2023), o romance afirma a continuidade da vida como gesto precário de cuidado e atenção, capaz de sustentar futuros possíveis mesmo em meio à devastação.

2. "Ficar com o problema", em Donna Haraway (2023), designa a recusa de soluções totalizantes para a crise ecológica e a aposta na construção de relações de cuidado e interdependência em um presente marcado por ruínas e conflitos.



Considerações finais

Ao colocar em diálogo "*Bugônia*", de Daniel Galera, e *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo, este artigo procurou demonstrar como a literatura contemporânea do Rio Grande do Sul elabora um imaginário distópico no qual o colapso ambiental e social se inscreve no espaço do Pampa como experiência histórica continuada. Lidas a partir do Sul Global, essas narrativas revelam que o apocalipse não se apresenta como ruptura espetacular, mas como aprofundamento de processos já vividos pelo território, atravessado pela colonização, pela exploração intensiva da terra, pela erosão de modos de vida e pela intensificação das crises climáticas. O Pampa distópico surge, assim, como paisagem devastada e, ao mesmo tempo, fértil: um espaço onde a ruína convive com a persistência da vida e onde o futuro se constrói a partir de restos, negociações e alianças precárias - da mesma forma que foi desde a chegada dos europeus.

Nesse cenário, as anti-heroínas ocupam um lugar central. Chama e Regina encarnam figuras de sobrevivência que se afastam dos modelos anti-heroicos tradicionais da distopia canônica e reinscrevem a experiência pós-apocalíptica em uma ética do cuidado, da convivência e da atenção ao outro, humano ou não humano. Em "*Bugônia*", a fusão final de Chama com o enxame de abelhas figura uma integração radical ao ambiente, encenando a necessidade de novos pactos multiespécies como condição para a continuidade da vida. Já em *A extinção das abelhas*, a sobrevivência se manifesta em gestos mínimos: a partilha do espaço com outras mulheres, a permanência dos afetos, o cuidado com o gato que chega depois do fim. Em ambas as obras, o futuro se projeta como a convivência com o colapso, sustentada por vínculos frágeis, porém persistentes.

Ao reinscrever o Pampa no horizonte da distopia crítica, Galera e Polezzo deslocam o eixo da imaginação apocalíptica contemporânea e inscrevem o sul como lugar de enunciação privilegiado das crises do Antropoceno. Suas narrativas revelam que o fim do mundo já é uma condição vivida de forma desigual e que imaginar o futuro a partir das ruínas implica reconhecer a continuidade da catástrofe e, ao mesmo tempo, a potência de reinventar modos de vida possíveis. O sul pós-apocalíptico que emerge dessas ficções é o espaço de quem aprende a viver depois do fim, um território onde também a literatura ensaia, com narrativas de precariedade e insistência, outras formas de habitar o mundo que já chegou até aqui devastado.

Referências

BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom. *Utopia method vision: the use value of social dreaming*. Bern: Peter Lang AG: International Academic Publishers, 2007.

GALERA, Daniel. Bugônia. In: GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 171-247.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

PENTEADO, Marina Pereira; TORRES, Sonia (org.). *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. 231 p.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

POLESSO, Natalia Borges. A literatura como dispositivo antropocênico: considerações acerca do processo criativo em *Corpos secos*, *A extinção das abelhas* e *Perfeita tecnologia*, de Natalia Borges Polezzo. *Abusões*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/81825>. Acesso em: 14 jan. 2026.



SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SPINELLI, Luiz. *A jornada do anti-herói no romance distópico contemporâneo ou o Prometeu pós-moderno*. Rio Grande, RS: Yaguarú, 2024.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Ilha *Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 16 fev. 2026.